

UMA TEOLOGIA DO ESPAÇO⁶²⁵

Carolina Bezerra de Souza ⁶²⁶

Resenha de: GUERRA, Danilo Dourado. *Cristotopia: espaços do Cristo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. 144p.

Em seu primeiro livro, o doutor em Ciências da Religião Danilo Dourado Guerra expõe um aprofundamento sobre um referencial teórico pouco explorado na teologia, o conceito foucaultiano de heterotopia⁶²⁷. Inspirado pelo inovador artigo de sua orientadora de mestrado e doutorado na PUC Goiás, a Dra. Ivoni Richter Reimer, que usara o referencial para abordar textos bíblicos sobre a proposta do Reino de Deus⁶²⁸, Guerra estende uma densa reflexão para vários âmbitos da teologia. A obra tem como objetivo colocar uma analogia entre a geografia teórica francesa e a teodiceia cristã ocidental. Assim, conecta a heterotopia à teologia sistemática, teologia bíblica, à reflexão cultural, linguística, para tratar do problema do mal e da redenção de Cristo. Faz uso de um extenso embasamento teórico, dialogando com teólogos de correntes diversas como Barth, Bultmann, Tillich e Pannenberg. Utiliza referenciais hermenêuticos como Gadamer, Heidegger, Schleiermacher; das Ciências Sociais e da Religião como Geertz, Bourdieu, Berger, Durkheim e Croatto; além de historiadores, filósofos e biblistas.

O texto se divide em quatro capítulos e apresenta bastante densidade conceitual, definindo tipos de espaço e domínio de poder. Ainda na introdução, define espaço como uma dimensão de territorialidade e das interações entre coisas e seres humanos. Também conceitua Cristotopia como os “espaços

⁶²⁵ Recebido em 29 de setembro de 2021. Aceito em 29 de outubro de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

⁶²⁶ Doutora. Faculdades EST. E-mail: carolina.bezerra@est.edu.br.

⁶²⁷ FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOLTA, Manoel de Barros (org). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

⁶²⁸ RICHTER REIMER, Ivoni. Construção de Heterotopias socioculturais nas origens de comunidades judaico-cristãs. *Caminhos*, Goiânia, v.2, n.2, p. 113-122, 2004.

cosmogênicos onde o Cristo bíblico se manifesta para promover uma contraposição axiológica [...] de redenção cósmica”⁶²⁹.

O primeiro capítulo trata do mal gerado pelo pecado e do espaço com ele relacionado como um espaço de morte e injustiça: tanatopos. Usa uma metáfora para representar o mal que tem a possibilidade de dominar os espaços onde há ausência de Cristo e estabelecer uma ordem contrária aos valores de Deus criando um domínio do medo. Guerra escolheu o monstro mitológico Kraken, cujos tentáculos sufocam a criação e são associados a estruturas de poder que colonizam e controlam corpos-sujeitos. O grande tentáculo é teológico: o autoendeusamento da humanidade, egóico e cobiçador. O autor relaciona-o então com a dimensão da queda adâmica e com a construção de divindades e seus devotos como uma forma de manutenção de poder cultural. Esse tentáculo subsidia os demais em forma de uma rede de micropoderes. O primeiro tentáculo dessa rede é o do espetáculo e a performance, em especial a nível político nos Estados que dominam pelo uso de símbolos. O segundo tentáculo desvirtua o *eros* da criação, fazendo com que a erotização suplante o amor, gerando imoralidade, ilusão e deslumbramento. Outros tentáculos são a articulação dos poderes teológico e político e o poder da ganância pelo dinheiro, que faz do mercado uma divindade.

O segundo capítulo objetiva trabalhar a estruturação da Cristotopia, fazendo um paralelo entre os seis princípios heterotópicos propostos por Foucault e a proposta cristotópica. O primeiro princípio afirma que espaços de Cristo se manifestam em toda sociedade ou cultura, como reflexo da graça comum, espelham o dom criativo do Criador. O segundo princípio é que as cristotopias têm um funcionamento preciso e determinado desde o interior da humanidade e das sociedades, sob uma dimensão cósmica. São, portanto, espaços localizáveis de crítica sistêmica, de resistência, de liberdade e de salvação. O terceiro princípio é que as cristotopias podem justapor num lugar real espaços em si próprios incompatíveis. Como quarto princípio, está a conexão temporal das cristotopias, que funcionam plenamente quando criação e humanidade são colocadas em ruptura com o tempo tradicional. A realidade tempo-espaço se definiria pela experiência revelacional e salvífica do encontro com Cristo. No quinto princípio, postula-se que as cristotopias são abertas e fechadas, ao mesmo tempo isoladas e penetráveis, pois são contestadoras do ordenamento dominante ao passo que fazem o convite a se religar com o divino.

⁶²⁹ GUERRA, 2020, p.22.

O último princípio é que as cristotopias têm a função de ser heterotopias de desvio e contestação dos poderes de morte.

O terceiro capítulo faz uma abordagem fenomenológica, discorre sobre diversas manifestações da cristotopia na realidade vivencial. O primeiro ponto é a manifestação nos sentimentos e na razão humana, lócus do relacionamento entre o humano e o divino e da conversão que o renova. O segundo ponto é a cristotopia como lugar do ser humano se reconhecer como imagem de Deus e de Cristo. Em seguida, trabalhando sobre a noção de criação como uma cosmotopia, Guerra afirma que as cristotopias são ontológicas e que o labor teológico assinala as ressonâncias das cristotopias na criação. A gênese humana também é cristotopia: ser imagem divina indica que nenhum ser, nem a humanidade mesma pode ser igual a Deus ou tornar-se Deus. O Reino de Deus ou de Cristo também se faz uma cristotopia na medida que revela sua presença, um espaço da política que se coordena com os princípios de Deus.

Há uma série de reflexões baseadas na presença de Jesus na Terra. A encarnação é um lócus-vivo da contraposição aos espaços de morte e que constitui a *imago Dei* perfeita. Sua cruz é o espaço cristotópico da inversão onde o sacrifício se faz vitória, a morte se faz vida e libertação. Com a morte de Cristo, o inferno, que era lugar da separação de Deus, se faz também lugar da sua presença, passa a apontar para a vitória de Cristo sobre a morte. A ressurreição se torna, então, um fenômeno cristotópico. O encontro dos seres humanos com o Espírito de Cristo é uma dimensão cristotópica, mas cujo perímetro é não rastreável e indomável. Na medida em que Cristo é Deus, as cristotopias são também teotopias, estas ultrapassam as primeiras, pois Deus é onipresente. Uma teotopia cristotópica é aquela em que Deus-Cristo se manifesta em prol da humanidade. Por fim, realidades onde a humanidade reflete sobre a vida de Cristo, a ekklesia, a bíblia e a religião, são entendidas como espaços cristotópicos, pois manifestam a revelação de Deus, sua ética, a práxis de Cristo e crítica aos espaços de morte.

O último capítulo contrapõe o primeiro, aborda a cristotopia como um espaço de vida (biótopos) onde se manifesta o poder da vida que suprime o poder da morte. Esse espaço tem dois eixos. O primeiro é arreligioso, relacionado à graça comum como um fenômeno espacial ontológico em que os seres humanos são biótopos, refletindo um *nomos* divino que organiza a vida, gera espaços de felicidade e esperança revelando o amor divino. O segundo eixo é concernente à revelação salvífica da vida de Cristo que, por meio do amor, muda os espaços atingidos pelo pecado para lugares de vida eterna que manifestam na esfera social os preceitos do Reino de Deus.

O livro é inovador. Com a abordagem espaço, traz a reflexão teológica para a vida concreta de comunidades, da relação entre as pessoas, os demais seres e as coisas. A linguagem densa e a quantidade de definições a partir de termos gregos, porém, dificultam o acesso ao público geral, mantendo a reflexão em círculos teológicos eruditos.

Permanece em uma teologia tradicional, como afirma no início, que encara Cristo como herói, opõe cristolatria ao politeísmo, demarca um padrão de sexualidade. Embora manifeste preocupação com a política, a colonização e dominação de corpos e sujeitos, não atenta muito para entrecruzamentos que aprofundam essas questões, como gênero, classe, etnia e sexualidade, tratando tudo no âmbito do mal, pecado e morte, do qual não fogem, mas perdem contribuição para a reflexão das opressões e das identidades. Um exemplo, que como teóloga feminista não posso deixar de notar, é que, mesmo apresentando uma preocupação com a questão de gênero quando aborda a *ekklesia*, perde nesse quesito em detalhes importantes, como em entender Deus também no feminino, isso se expressa no uso do termo hebraico feminino *Ruab* (Espírito/sopro/fôlego) precedido de artigo masculino. Recomenda-se a leitura a teólogos, cientistas da religião e estudantes de ambas as áreas.

Referências

- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOLTA, Manoel de Barros (org). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Construção de Heterotopias socioculturais nas origens de comunidades judaico-cristãs. *Caminhos*, Goiânia, v.2, n.2, p. 113-122, 2004.